

S. Domingos de Gusmão

Fundador (1170-1221)

8 de Agosto

Natural da província de Burgos (diocese de Osma), S. Domingos nasceu em Caleruega, a 24 de Junho de 1170, e morreu em Bolonha a 6 de Agosto de 1221. Filho de Félix de Gusmão e de Joana Aza. A sua vocação despertou cedo. Nela teve particular influência a mãe.

Consta que era o menor de três filhos. Estando grávida dele, sua mãe, ao fazer as devotas novenas de S. Domingos de Silos, numa vigília nocturna, apareceu-lhe em figura e hábito, o santo monge, anunciando-lhe com garantia que Deus lhe daria um filho de raros talentos e virtudes. Por isso, quando nasceu, lhe deram o nome de Domingos, evocando o seu patrono. E, alguns meses antes de nascer, a mãe teve outra visão. Parecia-lhe que no ventre trazia o cão de fogo que com um facho na boca a arder, capaz de iluminar todo o mundo.

Quando recebeu a água do baptismo, sua madrinha viu à sua frente uma estrela tão clara e resplandecente que com os seus raios iluminava a terra.

Assim, a legenda confirmava a vocação e missão de S. Domingos, como reza a Igreja: «*varão de peito e espírito apostólicos, sustentáculo da fé, trombeta do Evangelho, luz do mundo, resplendor de Cristo, segundo precursor (S. João Baptista) e grande provisor das almas*».

Seus atributos realmente pessoais são a *estrela vermelha* e o *cão de fogo manchado* que sua mãe vira em sonhos antes do seu nascimento.

Aos seus pés está sentado um *cão branco e negro* que leva um facho aceso nas fauces (*portans ore faculam*). Esse *cão do Senhor* (Domini canis) é ao mesmo tempo atributo individual de S. Domingos e emblema de todos os dominicanos. «*O pregador – Daniel de Paris – é o cão do Senhor encarregado de ladrar contra os malfeitores, isto é, os demónios que rondam as almas*».

Um tio materno, arcepreste, ocupou-se, desde os seis anos, da sua educação. Desde menino, com sete anos de idade, era de si, como se diz, tão dócil e tão bem inclinado em tudo o que era piedade, devoção e penitência.

Refere a Legenda que, frequentemente, saltava da cama e deitava-se no chão, pré-anunciando e preparando-se para a vida que, secretamente, escolhera.

Iniciou o estudo das letras, afeiçoando-se tanto a elas, ao canto e ao ofício eclesiástico que doutra coisa não se ocupava, estudando, lendo e rezando, servindo no coro, e, nos tempos livres, arranjava e limpava os altares e assistia ao Santíssimo Sacramento. Pelos 14 foi para a Universidade de Palência, onde completou os estudos humanísticos, aprendeu filosofia e penetrou nos mistérios da teologia. Como refere o seu primeiro biógrafo: «*A verdade que entendia, graças à agilidade do seu espírito, regava-a com o orvalho dos afectos piedosos, para que germinassem os frutos da salvação. A sua memória enchia-se como um celeiro, de abundância de riquezas divinas, e as suas acções revelavam no exterior o tesouro sagrado que lhe enchia o peito*».

Gostava da austeridade e da caridade, como virtudes predilectas desde os seus anos juvenis. Numa situação de carestia geral, o jovem privou-se do que mais estimava: os livros e pergaminhos. Vendeu tudo para socorrer os pobres. Com a idade, crescia a virtude e tornara-se muito sóbrio no comer e beber e alheio aos deleites e

passatempos da juventude. Era equilibrado e modesto nas suas acções, maduro para a sua idade, ponderado no discernimento e experiente no juízo.

Consta que, certo dia, veio ter com ele uma mulher pobre, a chorar, pedindo que a ajudasse a resgatar um irmão que os mouros tinham levado cativo. Foi tão grande a sua caridade que desafiou a mulher oferecendo-se para que o vendessem como escravo, em troca do irmão.

Havia, então, em Osma, um bispo chamado D. Diego de Acebes, homem de grande santidade e doutrina. Tendo decidido reformar a sua Igreja, em poucos anos, procurava homens de grande espírito e letras, de extraordinária perfeição e irrepreensíveis. Como São Domingos resplandecia já, entre todos, com singular fama de virtude e erudição, o bispo D. Diego mobilizou todas as forças para o trazer de Palência para Osma e conseguiu-o.

Ao fim de poucos anos, regressou a Palência. Por este tempo, lia o livro das Colações de Cassiano, procurando tirar dele, virtudes e moldar a sua alma, na perfeição dos padres do deserto, aí representados.

Em 1203, realizou com o seu bispo D. Diego, uma longa viagem até à Dinamarca, ao serviço do rei de Leão, Afonso IX. Em Toulouse surpreendeu-o um desses factos que marcam a vida dum homem: passou a noite a discutir e a instruir um hóspede da pensão, e conseguiu convertê-lo da heresia à verdadeira fé. Desde essa data ficou a conhecer a missão a que era chamado: defender a Fé da Igreja contra a heresia albigense.

Consta que passando pela corte do rei de França se encontrou com Dona Branca de Castela, chorosa por não ter filhos. O santo aconselhou-a que tomasse por advogada a Virgem Nossa Senhora e que rezasse o Rosário com muita devoção e mandasse repartir Rosários a todas as pessoas que o quisessem rezar. E isto bastaria desde que tivesse esperança que Deus a consolaria, cumprindo os seus desejos. Assim o fez, e Deus concedeu-lhe um santo e glorioso filho, S. Luís, rei de França.

Da Dinamarca seguiu para Roma, em 1204, para obter do papa licença para evangelizar a tribo bárbara dos Cumanos, nos confins do mundo germânico. Inocêncio III orientou-o todavia para a conversão dos Albigenses que infestavam todo o Sul da França. E começou, então, uma nova fase de sete anos. A pregação da verdade e a austeridade de vida realizaram verdadeiros milagres.

«Jesus Cristo, dizia um poeta, iluminou-lhe o coração e o corpo, e encheu-o de graça. Quando as gentes chegam em tropel para se contemplarem no seu rosto, sucede-lhes como quando insistem por olhar o Sol, tão vermelho e brilhante ele é. Os homens bons do país gozam e orgulham-se com ele; os maus, porém, os que têm o coração malvado e perverso, morrem de inveja diante dele».

Consta que num tempo de grande necessidade e pobreza, provocada por um cataclismo, tão desmedido que até pessoas nobres vendiam as próprias filhas, entregando-as aos hereges. S. Domingos, para dar remédio a tal estrago que o demónio fazia, conseguiu um mosteiro para recolher gente nobre e necessitada, aonde em breve tempo se acolheram, em grande número, donzelas, para uma certa forma de viver que lhes deu, em lugar apropriado, entre Carcassonne e Toulouse. Imitando-o, movimentaram-se algumas pessoas ricas e católicas a realizar obras semelhantes que foram o remédio de muitas mulheres que ponham em risco a sua fé e a sua honestidade entre soldados e hereges. Assim nasceu, em Prouille, o primeiro convento de dominicanas.

Os hereges não eram capazes de suportar a força que S. Domingos tirava da oração que fazia a Deus a favor da causa, nem os argumentos e razões que lhes apresentava, antes os importunava como se fora o seu maior inimigo.

Narra a legenda que, certo dia, os hereges escreveram as suas teses num livro. S. Domingos noutro em defesa e comprovação da verdade católica. Lançados um e outro à fogueira (ordália), à vista de todo o povo, logo o dos hereges foi reduzido a cinza, ao passo que o de S. Domingos, subindo para o alto, voou sem que nada lhe acontecesse e veio pousar num carro de cavalos que ali se encontrava. Os hereges lançaram-no por três vezes ao fogo, mas em vão, pois a mesma cena se repetia. Por esse milagre muitos se converteram.

D. Diego esteve dois anos completos ao lado de S. Domingos, no condado de Toulouse, mas teve entretanto de regressar a Osma para cuidar das suas ovelhas. Passados dias, chegou a notícia que morrera.

Com isto, S. Domingos tornou-se a cabeça da causa dos hereges e da sua conversão. O Santo com alguns que, com o zelo do serviço de Deus, a ele se juntaram, tomou a peito esta tão grande empresa, na qual perseverou dez anos, com incriveis trabalhos e ânimo invencível. Ia de povoação em povoação, a pé e descalço, abrasado pela caridade de Deus e do próximo, e expunha-se a qualquer perigo com uma grande sede de ser mártir. Com estes trabalhos, uma vida santa e doutrina celeste, o Senhor operou por ele muitos milagres e converteu quase cem mil almas, erradas e perdidas, à verdadeira e católica religião.

E, tendo o Papa mandado assumir o ofício de Inquisidor contra os hereges, exerceu-o com grande autoridade, usando todas as armas espirituais. Os príncipes católicos entraram e publicaram, em França e Itália, a Cruzada contra eles.

Narra-se que estando cercado, o Capitão General do exército católico, conde Simão de Monfort, cercado no Castelo de Moruel, saiu dele com oitocentos cavalos e mil infantes que antes se confessaram e receberam o Santíssimo Sacramento do Altar e, com grande ímpeto acometeram os inimigos que eram mais de cem mil homens e os fizeram afrontosamente recuar, morrendo mais de vinte mil deles à espada, sem contar os que se lançaram à água, fugindo, para se salvar, e assim morreram. Foi uma vitória assinalada e gloriosa. O bem-aventurado S. Domingos, enquanto guerreavam, rezava por eles, levantando as mãos a Deus e derramando muitas lágrimas. Isto significa quanto está na mão de Deus vencer muitos com poucos, pela intercessão dos santos, quem, cheio de fé, esperança e caridade, lhes suplica.

Entretanto, o santo estava tão concentrado a extirpar da terra os hereges, de tal modo que não deixava por fazer a mínima coisa que pudesse aproveitar para os iluminar e desenganar, quer na sua pessoa, com penitências, rezando dia e noite, quer derramando lágrimas por eles, pregando-lhes e ensinando as verdades da nossa santa fé, quer convencendo-os nas suas disputas, como, ainda, aconselhando os capitães e animando os soldados, e exortando a todos os fiéis católicos que emendassem as suas vidas e encomendassem a Deus esta causa, e fossem devotíssimos da Virgem Maria, nossa Senhora e rezassem com devoção o rosário, meditando os sagrados mistérios, porque só deste modo alcançariam a vitória dos inimigos da Fé católica e o cumprimento de todos os bons desejos.

Vendo Simão de Monfort e o bispo de Toulouse a santidade de S. Domingos e as grandezas e maravilhas que Deus obrava por ele, fizeram-lhe uma doação de muitos bens, para que se sustentasse a si e a muitos que com ele andavam. Pois ainda não tinha começado a sua Ordem. Quando a fundou, renunciou a toda a forma de bens, como se mostrará.

Com alguns dos seus companheiros que com ele perseveraram nesta grande empresa e o ajudaram, por um grande zelo das almas, pouco a pouco, se começou um grupo e uma nova Ordem de Pregadores Apostólicos. Em Toulouse nasceu a primeira casa dos Irmãos Pregadores, em 1215. O hábito deles foi o de cônego que usava S. Domingos: túnica branca, roquete simples e capa negra com capuz.

Como o Santo viu a extrema necessidade que tinha a Igreja de tais varões e o copioso fruto que tinham feito aqueles poucos, movido pelo Espírito Santo, determinou ir a Roma, para dar conta ao Sumo Pontífice Inocêncio III do que se havia feito no Condado de Toulouse e do estado em que estavam as coisas dos hereges. E da necessidade que havia de acudir a elas. E para se oferecer a si e aos seus companheiros para aquela empresa. E suplicar-lhe que os tomasse sob a sua protecção e confirmasse uma “Religião” cujo fim principal era pregar o Evangelho e ocupar-se da conversão dos pecadores e da salvação das almas.

Oferecendo-se ao santo uma ocasião muito boa para ir a Roma, pois que aí se celebrava o IV Concílio Ecuménico (XII) Lateranense (1215), em que se reuniram, com o Romano Pontífice, inúmeros Prelados e Embaixadores de Imperadores e Reis da Cristandade, acompanhou Fulcon, bispo de Toulouse, homem grande e zeloso da honra de Deus e de exemplo e austeridade de vida, devotíssimo de S. Domingos, este valeu-se da sua intercessão e testemunho para alcançar do Papa o que pretendia. Entretanto o Papa hesitou perante a novidade daquela maneira de vida que S. Domingos propunha.

Diz a Legenda que, certa noite, estando o Papa a dormir, pressentiu em sonhos que a igreja de S. João de Latrão se desmoronava e abatia. E via S. Domingos, com grande audácia, a escorá-la com os ombros, aguentando-a em peso. Com este sobressalto despertou e percebeu que Deus escolhera o santo varão para restaurar a Sua Igreja. Então, mandou-o chamar no dia seguinte, animou-o e fortaleceu-o, nos seus santos propósitos. Aconselhou-o a que estudasse as antigas sociedades religiosas, aprovadas por aquela santa Sé e escolhesse a Regra delas que mais se apropriasse ao instituto e à maneira de vida que pretendia e que regressasse que lhe concederia o que desejava.

Terminado o santo Concílio, recebendo a bênção do Sumo Pontífice, regressou a França com muita alegria, para comunicar e examinar aquele assunto com os seus companheiros. Reunindo-se todos com o bem-aventurado Padre, após muita oração, resolveram, em Prouille, tomar a Regra do grande doutor da Igreja Sto Agostinho e as Constituições e cerimónias particulares da Ordem dos Premonstratenses que, naquele tempo, era rigorosíssima, de muita penitência e severidade.

Com esta resolução começaram a edificar, em Toulouse, a casa de S. Romão, acomodada para estudo e recolhimento. E a fim de estar de estar mais libertos para a pregação do Evangelho que o Sumo Pontífice lhe incumbira, de comum consentimento, renunciaram e deixaram todos os bens, rendas e heranças que tinham, doando-as às monjas de N^a Senhora de Prouille.

Com esta determinação, S. Domingos regressou a Roma para trazer confirmação ou aprovação deste estilo de vida. Porém, antes de chegar a Roma teve a notícia segura que o Papa Inocêncio III (por cujo mandato ia) morrera em Perugia, a 16 de Julho de 1216. Mas, o seu sucessor, Honório III, acolheu-o benignamente e, com autoridade Apostólica, confirmou a Ordem de S. Domingos., a 22 de Dezembro do mesmo ano de 1216, como está na Bula da sua confirmação.

Foi singular e maravilhoso o consolo que o santo Patriarca recebeu por esta aprovação do Vigário de Cristo, por ver realizados os seus desejos e pelas grandes esperanças que tinha de que a glória de Deus iria amplificar-se com o seu suor e

trabalho e o de seus filhos, e porque também aproveitariam as almas e seria ilustrada e amparada a Fé católica. E disso tinha suficientes provas, por uma revelação que a Misericórdia divina lhe fez. Relata a legenda:

Numa noite, entre outras, na igreja do Bem-aventurado Apóstolo S. Pedro, na sua acostumada oração ao Santíssimo Sacramento, elevado em espírito, viu nosso Senhor Jesus Cristo, sentado num trono real, com estranha representação de majestade e grandeza. Tinha três lanças na mão, para devastar com elas o mundo. E não podendo ninguém resistir ao seu justo desagrado, viu que a Rainha dos anjos, nossa Senhora, se lançou aos seus pés, suplicando-lhe que tivesse misericórdia, dos que havia redimido com o seu sangue e apresentou-lhe dois homens, S. Domingos e S. Francisco (que no mesmo divino propósito tinham ido a Roma com o intento de fundar a sua esclarecida Ordem) e mostrando-os a piedosa Mãe ao seu dulcíssimo Filho estes dois santos, dizia que, pela sua pregação e dos seus filhos, o mundo se reformaria e os pecadores fariam penitência dos seus pecados. Com tais rogos e merecimentos da Virgem, a ira do Senhor tornou-se mais amansada e aceitou para esta empresa os capitães valorosos que sua Mãe apresentava.

Com esta visão, S. Domingos ficou consolado e muito animado. Mas muito mais quando, acabada a sua oração, saindo da igreja de S. Pedro, a comprovou.

Encontrando na rua, o glorioso S. Francisco, sem nunca se terem visto antes, reconheceram-se um ao outro. S. Domingos foi ter com ele e abraçou-o muitas vezes dizendo-lhe: *somos companheiros e servos do mesmo Senhor*. Cuidamos dos mesmos planos e os nossos intuitos são os mesmos. Andemos unidos e nenhuma contradição do inferno se há-de interpor para estorvar e destruir neste serviço do nosso grande Senhor. E assim se concertaram os dois Bem-aventurados Patriarcas numa perpétua e santíssima amizade, para andar por todo o mundo pela causa e honra de Deus, como o fizeram e, depois, seus filhos. Pois que o Senhor que os escolhera para comandantes destemidos do seu exército, lhes deu ânimo, armas e forças para combater e vencer, triunfando do inimigo.

Também se confirmou S. Domingos em suas boas expectativas com uma outra revelação que teve após a aprovação, pela Sé Apostólica, da sua Ordem.

Um dia em que estava a rezar na igreja do príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, suplicou afavelmente ao Senhor que o guiasse a fim de que ele e a sua pobrezita companhia acertassem servi-lo naquele tão grande ministério que lhe era encomendado. Apareceram-lhe os gloriosos apóstolos S. Pedro e S. Paulo. E S. Pedro pôs-lhe um báculo na mão e S. Paulo um livro aberto, dizendo: Toma o teu caminho e vai sem demora realizar o ofício que Deus te ordena: prega o Evangelho, tu e os teus, pois para isso te escolheu o Senhor. Acabadas estas palavras, se lhe mostrou todos os seus discípulos, filhos e companheiros, dois a dois, indo por todo o mundo a pregar.

Com esta revelação que o alegrou muito, S. Domingos ganhou pressa em dispor as suas coisas a fim de partir imediatamente de Roma para Toulouse. Aí falou aos seus filhos, comunicando-lhes a concessão que da Sé apostólica trazia e a vocação a que Deus os chamava e exortou a que se preparassem para ser verdadeiros Pregadores evangélicos, indo a todo o mundo, imitando os santos Apóstolos, a fim de dar a vida pelo Senhor. Ouvindo isto, o conde Simão de Monfort, o arcebispo de Narbonne, o bispo de Toulouse e outras grandes personagens, sentiam muito que aqueles Padres saíssem das suas terras e, com razões humanas, os quiseram impedir. Mas a todos, o santo varão, cheio do espírito do céu, dizia: *Eu já sei o que tenho de fazer aqui. Ninguém me impedirá, porque sou enviado e Deus deve ser obedecido*.

Com esta resolução, no dia da Assunção de Nossa Senhora, no ano de 1217, reunindo os seus filhos e conferindo com eles o modo proceder no futuro e professar a nova Regra e Constituições que tinham sido confirmadas pelo Papa, fez que, de comum consentimento, elegessem por seu Prelado, o santo varão Frei Mateus, francês, chamando-lhe Abade dos outros religiosos e terminando como Abade da Ordem.

Ao ter feito Frei Mateus Superior, acendeu-se o desejo que S. Domingos tinha de ir a terras de mouros pregar o evangelho e ser despedido pela fé em Jesus Cristo. Para esse efeito, começara a deixar crescer a barba. Mas antes de partir, entendeu enviar os seus filhos ao mundo. Para Espanha enviou quatro: Frei Gomes, Frei Miguel de Uzero, Frei Pedro Madrino e Frei Domingos. Para Paris enviou o abade Frei Mateus e outros seis companheiros. E outros a outras partes. Deu-lhes ordem de pregar o Evangelho, guardar a Regra e fundar mosteiros. E, apesar do grande desejo de ir aos mouros, Deus o impediu, pois que não está nas mãos dos homens escolher ofício na casa de Deus. S. Domingos foi forçado ir a Roma.

Por se ter detectado algo no edifício da Casa de S. Romão de Toulouse e tendo sido a primeira que se fundou, se quis que fosse modelo de todas, edificou-se com extrema pobreza, com celas pequeníssimas onde não cabia mais que um feixe de palha ou canas para dormir e uma mesita para escrever ou estudar. Era tão pobre e tão vil que dava testemunho da grande humildade e pobreza com que se fundava a Ordem e do divino espírito deste glorioso Patriarca.

Mal chegou a Roma, logo começou a Mão de Deus a declarar-se em seu favor, para que naquela cidade que é a cabeça do mundo, se pregasse a virtude do seu Servo e daí se espalhasse e se tornasse conhecida em todo o mundo. O Papa Honório III deu-lhe a igreja de S. Sixto para nela se recolher e se estabelecer um mosteiro, ajudando liberalmente as obras.

Segundo a *Legenda Dourada*, quarenta e três irmãos reunidos no convento de S. Sixto, não tinham que comer, a não ser um pãozinho, S. Domingos mandou cortá-lo em quarenta bocados. No momento em que os monges iam comer o minúsculo bocado, dois anjos entraram no refeitório e depositaram sobre a mesa dois grandes cestos de pão. Este tema decorava os refeitórios dos conventos dominicanos, substituindo a Santa Ceia.

E o Papa acordou que a casa de S. Sixto que se edificava para os frades se acabasse para as monjas e eles passassem para Sta Sabina que era igreja principal e, para isso, lhes deu as casas que aí tinha e que pertenciam ao palácio apostólico.

Era admirável ver o concurso das pessoas que acorreram ao bem-aventurado Padre, para consolo dos seus trabalhos, para conselho nos seus negócios e para remédio corporal e espiritual nas suas necessidades. Era tanto o favor que ia acumulando que em poucos dias teve em sua companhia 100 religiosos. E, por ordem do Papa, como seu Comissário, realizou uma coisa muito difícil que foi recolher as monjas (repartidas em muitos lugares, casas e beatérios pois não viviam em recolhimento como convinha) num mosteiro em que tivessem clausura e forma de viver conveniente ao seu estado e se lhes provesse do necessário para as suas almas e para os seus corpos.

Foi aí que S. Domingos deu aos seus religiosos o hábito branco e o escapulário que ainda hoje trazem por lho ter dado o deão da igreja de Orleães, chamado Reginaldo, famosíssimo doutor em Direito e Leitor da Universidade de Paris.

Reginaldo veio nessa altura a Roma, com o desejo procurar servir o Senhor perfeitamente. Tendo adoecido de uma perigosa enfermidade, a Virgem o curou, pelas orações de S. Domingos, e lhe apareceu e mostrou aquele hábito, dizendo-lhe que era aquela a veste da Ordem que buscava. Ficando são e livre e colocando-se nas mãos do santo Patriarca, tomou aquele hábito e fez profissão na sua Ordem. S. Domingos mandou que todos os seus frades tirassem as sotainas e sobrepelizes de cónegos regulares que usavam e os vestiu de hábitos e escapulário brancos, com mantos negros que agora trazem e a Santíssima Virgem havia mostrado a Frei Reginaldo

Em Roma, o bem-aventurado Padre se ocupou de ler, em cada dia, no Sagrado Palácio do Papa, o Evangelho de S. Mateus e as Epístolas de S. Paulo, para edificar e ensinar as pessoas que a ela acorriam. Desde então se criou um novo ofício de Mestre do Sagrado Palácio que ainda hoje permanece nos frades de S. Domingos, sendo o glorioso Padre o primeiro de todos.

Um menino, sobrinho dum cardeal, morrera ao cair dum cavalo. O santo devolveu-lhe a vida, mandando que o estendessem sobre o altar, dizendo-lhe: «*Adolescente Napoleão! In nomine Domini nostri J.C., tibi dico: Surge.*»

Tendo estado algum tempo em Roma, que sustentou com as suas orações e que o admirava pela sua vida e a iluminava com a sua doutrina, surpreendendo com os seus milagres e a todos movendo à emenda de vida, ao menos apreço do mundo e ao perfeito amor a Deus, enviou Frei Reginaldo a Bolonha e outros santos filhos seus por Itália.

Determinou-se, então, o glorioso Padre vir a Espanha, para comunicar aos reinos de Castela (onde havia nascido) os esplendores da sua doutrina e semear naquela terra que, regada com a chuva do Céu, esperava grande colheita, para acrescentar as tulhas do Senhor.

S. Domingos chegou a Segóvia, onde pregou o Evangelho, durante alguns dias, com grande proveito das almas. Isso ficou assinalado num cruzeiro, junto ao rio, edificado em memória dos sermões que aí pregava. E no Convento de Sta Cruz que o santo Padre iniciou naquela cidade, há uma cova, onde se recolhia para rezar, que, salpicada do sangue das quotidianas disciplinas, testemunha a sua passagem. Daí passou a Madrid onde encontrou alguns dos filhos que enviara a Espanha e que tinham sido bem recebidos, amados e respeitados pelo povo, por seu grande exemplo de vida. Aqui pregou com muito aproveitamento, reforma de costumes e admiração dos ouvintes. Iniciou um mosteiro de monjas de sua Ordem que, sendo pobre e pequeno, nos começos, depois cresceu muito em número de religiosas, rendas e edifícios e se chama S. Domingos Real. A vila de Madrid mostrou tão grande devoção (por respeito a tão santo Padre) a seus filhos e filhas e lhes fez tantas e tão boas obras que o tendo conhecido, o Papa Honório escreveu um Breve para dar graças pelo que tinham feito pelos Frades Pregadores.

Depois de ter cumprido o que intentara nos reinos de Espanha e concluído o que se refere às coisas da Ordem, o santo Patriarca partiu para Itália. Passando por Saragoça, foi a Toulouse ver a sua primeira casa que muito amava, por ali lhe ter dado Deus as primícias do seu trabalho. Depois de ter consolado os seus filhos que se alegraram com a visita, deu-lhes avisos no que toca a observância das coisas essenciais e cerimoniais da sua religião.

Tomou o caminho de Paris, onde estava a Ordem reunida e a casa tinha uns trinta frades com muito acordo. Dali partiu para Itália e chegou a Bolonha no mês de Setembro de 1219. Foi recebido com muita alegria pelos seus filhos, especialmente o bem-aventurado Reginaldo a quem muito amava pela sua virtude e fervente zelo da honra de Deus. Encontrou aí muitos religiosos recentemente admitidos a este novo modo de vida e as coisas da religião actualizadas e que as cerimónias fáceis e as coisas menores se faziam com muito preceito. Ele acrescentou outros religiosos e recebeu muitos varões ilustrados e de santidade na sua Ordem e os enviou a diversas partes para que a multiplicassem e propagassem. Deixando Bolonha em ordem, regressou a Roma onde assuntos de grande importância o chamavam.

Depois de resolvidos os assuntos e enviado o bem-aventurado Frei Jacinto com outros religiosos a pregar na Polónia, instituiu outra Ordem da terceira regra: *A milícia*

de Jesus Cristo, muito proveitosa para aquele tempo para defender a autoridade da Igreja. Saiu de Roma para visitar alguns conventos de Itália e regressou a Bolonha, onde se celebrou o primeiro capítulo geral da sua Ordem, no qual se estabeleceram muitas coisas importantes para o seu bom progresso.

Embora os religiosos que ali se reuniram não consentissem que o seu santo Padre deixasse a administração e o governo, como pretendia, alegando as suas faltas às obrigações daquele ofício, acabado o Capítulo ficou-se em Bolonha e enviou Frei Jordão a Paris. Passados alguns dias foi visitar alguns conventos e a fundar outros.

Finalmente, regressado a Bolonha e celebrado o 2º Capítulo geral, o último em vida, caiu numa forte e mortal enfermidade. Percebeu que chegava já aquela ditosa hora que haveria de ser desatado do cativeiro do seu corpo para ver o Senhor.

Porque, pouco antes, em oração lhe tinha aparecido o mesmo Senhor dizendo-lhe: *Vem amigo, vem: entra para possuir já o gozo verdadeiro*. E conhecendo deste modo que morria, não podia dissimular o contentamento que lhe causava ao ver aquele fim a que ordenara a sua vida e os seus trabalhos.

Mandou chamar todos os noviços daquele convento que não eram poucos, e a partir das tábuas onde estava deitado (pois não tinha cama, nem a consentia) fez-lhes uma amorosa e terna prática, exortando-os ao amor de Deus e à perseverança no estado que haviam começado.

Confessou-se com o Prior geral e, acabada a confissão sacramental, falou aos anciãos da casa:

Filhos e irmãos meus, a quem tive sempre na alma e que levarei comigo. Não vos aflija ver-me partir do meio de vós. Porque o bem de ter deixado o mundo por Deus, é poder partir do mundo como parto agora. O menos que se nos pegar do solo é o melhor dele, para assegurar aquela vida se há-de perder esta. Chegou o derradeiro transe.

Quero revelar-vos um segredo para vossa edificação e glória do Senhor. Até à hora a que cheguei, foi a misericórdia de Deus servida em me guardar a virgindade e pureza com que nasci. E se a mão de Deus não foi comigo parca nisto, tampouco o será convosco. Tende-o, por certo, meus filhos.

Mas muito vos há-de custar o que tanto vale. É obrigação vossa velar e orar e sobretudo fugir do trato e familiaridade de mulheres. Nos vos fieis da pureza de ocasiões pois qualquer é grande para vos destruir e nenhum maior que o desleixo ou a segurança fundada na confiança da vossa virtude ou da alheia. O venerável e santo nome da castidade é como a vida que com nenhuma força se compra.

Depois exortou-os ao amor de Deus e à observância da Regra e ao acréscimo da sua Ordem, com palavras ternas, amorosas, inflamadas e vindas do Céu, como verdadeiro Pai que se despedia de seus doces filhos, rogou-lhes que o enterrassem aos pés dos seus irmãos defuntos. E, o que disse, da pureza e da virgindade, disse-o, com santa intenção para honra de Deus e aviso dos seus filhos e sem ponto de vanglória.

Depois veio o escrúpulo. Chamando o confessor se confessou disso como se fora grande culpa: tanta era a pureza da sua alma e o recato das suas palavras.

A seu pedido trouxeram-lhe o viático e o sacramento da unção e tudo recebeu com muita devoção, ajudando e respondendo ao sacerdote e rezando com os religiosos os salmos que, naquele ofício, se dizem, conforme o uso da Igreja.

E como os todos os seus filhos se enternecessem muito e derramassem copiosas e vivas lágrimas e declarassem como ficariam tão sós e desconsolados e tristes os deixava, ele os consolou e deu-lhes esperança que depois de morto lhes seria de maior proveito que vivo, e os encomendou com palavras afectuosas ao Senhor.

E voltando a lembrar-lhes o amor fraterno, a humildade profunda e a pobreza voluntária e evangélica, mandou aos seus frades que começassem o ofício dos que estão na agonia da morte. Eles começaram a recomendar a Deus a alma do seu santo Padre.

Mal começou aquela devotíssima antífona: *Socorrei santos de Deus, saí a caminho, anjos bem-aventurados*: saiu a alma de seu corpo e os anjos a levaram ao descanso eterno no Céu.

Um monge dominicano viu em sonhos duas escadas seguras pelas mãos de Cristo e da Virgem, para que a alma de S. Domingos subisse para o céu.

Morreu o bem-aventurado Confessor numa Sexta-feira, às 12 horas do meio-dia, no ano do Senhor de 1221, aos seis dias do mês de Agosto, sendo da idade de 51 anos.

O seu corpo foi enterrado com grande solenidade, estando presente o Cardeal Hugolino, legado do Papa, que fora muito seu amigo e disse a Missa cantada e com as próprias mãos o colocou na sepultura que os monges tinham aberto no solo da igreja, como o santo desejara. Também estiveram presentes o Patriarca de Aquileia, Arcebispos, Bispos e Prelados e inumerável multidão de gente que concorrera para honrar e venerar o Santo e pedir, por seu intermédio, mercês e favores ao Senhor.

Para glorificá-lo mais, operou, por sua intercessão, muitos e grandes milagres, curando todo o género de enfermidades, a quem vinha à sua sepultura e, ao mesmo tempo, fez algumas revelações aos seus Servos, para manifestar a glória que tinha no Céu, ele que tão bem a tinha merecido na terra. E com estes testemunhos do Céu e com o espírito e o novo fervor que o santo Padre enviou de lá, os seus filhos ficaram consolados da ausência (que parecia não ter consolo) do bendito Pai e animados a imitá-lo e seguir as suas pisadas, servindo deveras ao Senhor, como então começaram a fazer. Foi esta a vida do Patriarca.

Depois trasladou-se o corpo de S. Domingos para outro sepulcro mais honroso, no ano de 1233, o sexto do Pontificado de Gregório IX (1227-41) e no oitavo (1235) foi canonizado e colocado no Catálogo dos Santos, em 28 de Agosto e se mandou que a sua festa fosse a 5 de Agosto, véspera do dia da sua morte. O Papa Paulo IV (1555-59) mandou que se celebrasse a 4 de Agosto, por no dia 5 se celebrar a festa de Nossa Senhora das Neves. Actualmente a sua Festa celebra-se em 8 de Agosto.

«Este grande santo recorda-nos que no coração da Igreja deve sempre arder um fogo missionário, que impele incessantemente a fazer o primeiro anúncio do Evangelho e, onde for necessário, a uma nova evangelização: com efeito, Cristo é o bem mais precioso que os homens e as mulheres de todos os tempos e lugares têm o direito de conhecer e de amar! E é consolador ver que até na Igreja de hoje são muitos – pastores e fiéis leigos, membros de antigas ordens religiosas e de novos movimentos eclesiais – que com alegria gastam a sua vida por este ideal supremo: anunciar e testemunhar o Evangelho!» (Bento XVI, 3 de Fevereiro de 2010)

ICONOGRAFIA

S. Domingos representa-se vestido com o hábito bicolor da sua Ordem: túnica branca e manto negro, cores simbólicas da pureza e da austeridade. A sua ampla tonsura está rodeada por uma coroa de cabelo. Quase sempre se apresenta com barba em forma de colar, mas às vezes também imberbe.

Tem numerosos atributos. *O livro, fechado ou aberto*, nas mãos, não bastaria para diferenciá-lo. *O pedúnculo do lírio* que partilha com S. Francisco de Assis e Sto. António de Lisboa: é o símbolo da sua castidade ou, também, alude a veneração à Virgem Imaculada.

Seus atributos realmente pessoais são a *estrela vermelha* e o *cão manchado* e, nos fins da Idade Média, o *Rosário*.

CICLOS

A) No túmulo do santo, na igreja de S. Domingos, Bolonha, de *Fra Guglielmo da Pisa* cerca 1265, se vêem as principais cenas: a visão do papa; a aparição dos apóstolos Pedro e Paulo, a ordália do fogo, a ressurreição do menino Napoleão.

B) A Virgem que ter-lhe-á aparecido em Albi e entregue um rosário, ou seja, a Coroa de rosas de Nossa Senhora. Na realidade, tal devoção remonta ao século XV, atribuindo-se-lhe o aniquilamento da heresia albigense.

C) Também se conta que em 1530, a Virgem do Rosário, acompanhada por Santa Maria Madalena e Santa Catarina, apareceu a um dominicano de Soriano para lhe mostrar como haveria de pintar a imagem de S. Domingos: com um lírio e um livro de encadernação vermelha.

CULTO

Canonizado em 1234 (1235?), catorze anos depois da sua morte, S. Domingos era particularmente venerado em *Toulouse* onde pregou contra os *albigenses* e em *Bolonha*, onde morreu e onde se edificou um magnífico túmulo.

Os seus padroados são escassos e nunca foi um santo popular, como S. Martinho ou S. Francisco de Assis. Porém, inumeráveis igrejas e mosteiros da sua Ordem difundiram a sua iconografia em toda a cristandade.

MA